

*Foi sem querer
que te quis*

Foi sem querer que te quis

O LIVRO QUE DÁ A
RECEITA PARA SER
FELIZ NO AMOR

ILUSTRAÇÕES DE RAUL MINH'ALMA



Diagramação: Futura (rogerio@futuraeditoracao.com)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Minh'alma, Raul

Foi sem querer que te quis / Raul Minh'alma.-- Ribeirão Preto, SP : Editora Novo
Conceito, 2022.

ISBN 978-85-8163-923-9

1. Romance português I. Título.

22-110789

CDD-869.3

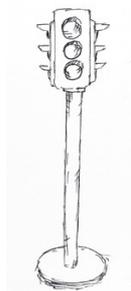
Índices para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura portuguesa 869.3
Eliete Marques da Silva- Bibliotecária- CRB-8/9380



Avenida Luiz Eduardo de Toledo Prado, 870, sala 405 • Vila do Golf
Ribeirão Preto/SP • Brasil • 14027-250
+55 16 3515-9797
<http://www.editoranovoconceito.com.br/>

Dedico este livro a você.



— Acabou.

Essa simples palavra parecia ter a forma de uma mão gigante que me agarrava e começava a apertar meu corpo, esvaziando o ar dos meus pulmões. Senti-me repentinamente submersa num oceano de lágrimas desejosas de me abandonarem os olhos.

— Como assim acabou, Gabriel? *Perguntei por impulso, com a inútil expectativa de que me desse uma resposta contrária.*

— Desculpe! Eu tenho andado muito confuso. Não sei se é isto que eu quero, não sei se é disto que preciso. Eu tenho de ser o mais correto possível contigo e isso implica me afastar de você para assentar as minhas ideias, refletir sobre aquilo que sinto e tentar perceber por que é que eu não estou bem.

— Não, Gabriel! Não pode ser. Como é que isso é possível? Eu sempre fiz tudo por você, sempre dei... *A voz me falhou.* Sempre dei o meu melhor por esta relação. Abdiquei de muitas coisas por nós e me esforcei sempre para corrigir as minhas falhas e melhorar os meus defeitos. E você está me dizendo que não sabe se é isto que você quer e precisa? Não, isto não pode estar acontecendo!

— Beatriz... tenha calma. Isto também não é nada fácil para mim porque sei que estou magoando uma pessoa que é muito importante para mim, mas eu não consigo nem posso estar ao seu lado incompleto. Não estaria sendo justo com você e com certeza você também não iria querer isso. E é assim que eu me sinto. Incompleto. Não pense que a falha é sua ou que você cometeu algum erro. O problema é meu e sou eu que tenho de resolvê-lo.

Gabriel pousou a mão sobre o meu braço e eu senti, naquele gesto, uma compaixão dolorosa que me fez sufocar ainda mais dentro daquele carro parado no estacionamento em frente ao meu prédio. Era o típico gesto de um amigo tentando confortar outro pela perda de um ente querido, e isso deu-me uma náusea tão intensa que julguei que ia vomitar ali dentro.

— Abra o vidro. Rápido! *Pedi-lhe.*

Ele deu meia-volta à chave do carro e fez descer o vidro do meu lado. Coloquei a cabeça ligeiramente de fora e respirei fundo várias vezes o ar fresco da noite que guardava para si em segredo todo aquele cenário de despedida. De costas para ele, percebi pelo seu silêncio que ficou sem saber o que dizer para não piorar o estado em que tinha me deixado. De certa forma, eu agradecia a ele, pois sabia que naquele momento só a voz dele iria remexer de novo o meu estômago. Enquanto lutava contra o acelerar do meu ritmo cardíaco com respirações profundas, dei por mim a focar o meu olhar numa lata de Coca-Cola vazia, amassada e abandonada junto ao passeio. Senti uma empatia imediata com aquele pedaço de lixo. No fundo, também eu tinha dado tudo o que tinha de mim. Também eu tinha sido completamente sugada, amassada e estava prestes a ser abandonada junto àquele mesmo passeio. Éramos a prova quase viva de que dar tudo é um bom começo para ficarmos sem nada.

— O que é que te falta? *Perguntei, assim que me recompus o suficiente para voltar a ouvir a voz dele.* Diga o que é que te falta ao meu lado se eu sempre te dei tudo o que tinha de mim. É o sexo que não é bom? Sou eu que não sou boa o suficiente para você? Meu Deus... já sei. Conheceu outra pessoa? Foi isso, não foi?

— Não diga asneiras, Beatriz. Nem comece a fazer filmes na sua cabeça. Eu não tenho ninguém. Já te expliquei que o problema é meu, vem de mim e é responsabilidade minha.

— Bobagem, Gabriel! Você apenas não quer dizer a verdade para não me magoar ainda mais. Mas se é para doer então prefiro, e peço, que me magoe com a verdade. Não tenha medo de dizer

que já não me ama, não tenha medo de dizer que já não sente o mesmo, que não é mais a mesma coisa e que perdeu o interesse. Eu prefiro a certeza de que acabou de vez à dúvida indefinida do que isto ainda pode resultar.

— Desculpe, mas não me peça para dizer que não te amo porque sinto que não estaria sendo verdadeiro. Mas também não sei se aquilo que eu sinto é forte o suficiente para chamar de amor.

Assim que ele terminou de dizer aquela frase, comecei a sentir um nó na garganta e o estômago novamente às voltas. Tornei a pensar na lata junto ao passeio e desta vez senti inveja dela por acreditar que eu conseguia estar em pior estado do que ela naquele momento. Como se não bastasse, senti-me ridícula ao perceber que sentia inveja de um pedaço de lixo. E ainda para piorar comecei a sentir raiva de mim mesma por não conseguir parar aquele turbilhão de sensações e pensamentos que se apoderava de mim. Era como se na minha mente e corpo estivesse acontecendo um erro informático incontrollável daqueles que fazem surgir montes de janelas umas atrás das outras na tela do computador. Senti-me incapaz de ter um raciocínio lógico com tanta turbulência emocional, mas sentia-me ainda mais incapaz de permanecer calada.

— Quem ama sabe que é amor. Quem ama sabe que só quer estar ao lado daquela pessoa. Se você tem dúvidas é porque não ama. Se não sabe se é forte é porque não é forte e se não é forte não é amor. *Senti-me orgulhosa ao perceber o raciocínio que estava conseguindo fazer e ao mesmo tempo ridícula por ter reparado nesse pormenor. Mas continuei.* Amar é querer e é saber. Se você não sabe, se não quer e se nem sabe o que quer é porque não ama. Por isso é preferível que me diga logo as coisas como elas são. Dói, muito, mas é melhor para mim, Gabriel. Se vai me deixar sozinha, pelo menos não me dificulte a tarefa de seguir em frente. Se vai fechar a porta para mim, então feche-a bem.

— Eu não sei se isto é um fim. Eu apenas preciso de um tempo para organizar a minha mente e o meu coração. Quem sabe se tudo se resolve e isto seja apenas uma má fase.

— Cale-se! Está dizendo isso só para atenuar a minha agonia neste momento. Você sabe bem que as coisas não vão melhorar só porque sim. Isto não é uma discussão em que nos zangamos e que depois de uma noite de sono está tudo bem outra vez. Isto é você me dizendo que duvida do que sente por mim. E quando uma relação chega a este ponto você sabe muito bem que já muita coisa morreu e não há muito a fazer. Pedir um tempo é só um disfarce. Uma forma covarde de camuflar a realidade, de ir se afastando aos poucos e não parecer que foi uma decisão exclusivamente sua. Essa responsabilidade pesa em você e por isso você prefere agir como um covarde. Pois é isso que você é. Nem capacidade tem de admitir as coisas, de ser um homenzinho e assumir as suas decisões.

Comecei a sentir uma sensação tão estranha que olhá-lo começava a tornar-se insuportável, mas sabia que assim que deixasse de poder fazê-lo ia me desfazer em lágrimas. Lágrimas que não estava conseguindo derramar. O que acentuava o nó que sentia na garganta.

— Não seja injusta comigo. Não é ódio que eu mereço que você sinta por mim. Eu estou apenas fazendo aquilo que acredito ser justo para os dois. Mas isso implica termos de sofrer. E sim, estou falando dos dois porque eu também estou sofrendo com isto.

— Então não faz sentido você sofrer e eu sofrer também por estarmos longe um do outro só porque você acha que isso é o mais justo. Por que é que não me deixa ajudar você a resolver isso? Sempre estive do seu lado e já passamos por outras fases menos boas. Tenho certeza que vamos superar esta também.

— Se continuar ao seu lado, vou continuar sem resolver os meus problemas. Preciso sentir a sua falta. Algo que só consigo estando longe de você. E talvez seja isso mesmo que eu esteja precisando. Perceber que sinto a sua falta e que é ao seu lado que tenho de estar.

As minhas mãos começaram a ficar dormentes e percebi que a ansiedade começava a tomar conta de mim. Queria ir embora dali,

mas não conseguia fazê-lo sem esclarecer o melhor possível aquele fim. Já era mau o suficiente tudo aquilo, mas quanto mais perguntas ficassem sem resposta pior seria.

— Por que é que você nunca me deu sinais de que não estava bem?

— Eu te dei muitos sinais, Beatriz. Mas talvez você não tenha reparado ou dado importância. O que posso garantir é que isto não caiu do céu. Já se arrasta há algum tempo e se eu estou tomando esta decisão agora é porque é o meu último recurso. Sinto que é o que deve ser feito, mas acredite que não está sendo nada fácil.

— Se não está, não se afaste de mim. Fique comigo e vamos resolver mais esta batalha juntos. *Supliquei de olhos raiados na direção dele enquanto segurava sua mão.*

Gabriel soltou um suspiro e desviou o olhar do meu. Nesse preciso instante percebi que não havia mais nada a fazer. Não iria conseguir demovê-lo da sua decisão. Além disso, se mudasse de ideia seria por pena ou por favor e não tardaria muito a se arrepender e a voltar atrás. Um cenário bastante pior para mim. Soltou por fim a mão da minha e a pousou sobre a alavanca do câmbio.

— É melhor eu ir embora. *Respondeu sem me olhar.*

Não voltei a insistir, peguei a bolsa pousada no chão entre as minhas pernas e como se estivesse deixando um sonho e uma vida inteira para trás saí do carro e bati a porta. Aquele baque ficou entoando em meus ouvidos e foi como se abafasse todos os outros sons, inclusive a partida do motor do carro do Gabriel, que se preparava para abandonar o estacionamento. Era como se tivesse entrado num mundo paralelo todo ele submerso. Esperei que Gabriel recuasse o carro e depois abaixei-me para apanhar a lata amassada de Coca-Cola. Atravessei a estrada em direção à lixeira seletiva que estava do outro lado e coloquei-a lá dentro. Assim, aquela lata um dia iria renascer, ser novamente preenchida e regressaria à vida. Tal como eu... um dia. Olhei para o fundo da estrada e reparei que o carro de Gabriel tinha parado no semáforo. Por instantes desejei que aquele semáforo não ficasse verde, pois seria o confirmar

daquela despedida. Durante aqueles segundos fugazes imaginei-o saindo do carro e correndo na minha direção dizendo que estava arrependido e não conseguia viver sem mim. Mas não tive tempo sequer de conhecer a sensação daquela visão, pois o semáforo ficou verde, ele cortou à esquerda e desapareceu. De repente, os sons voltaram a desenhar-se nos meus ouvidos, o mundo inteiro caiu sobre meus ombros, atirando-me de joelhos contra o asfalto ainda quente, e as lágrimas jorraram dos meus olhos como se eles fossem barragens cedendo à força das águas. Perdi a noção de quanto tempo estive ajoelhada no meio da rua até o carro que se aproximou por trás de mim ter buzinado. Agarrei a bolsa, ergui-me e sem pedir desculpas precipitei-me para o interior do prédio. Entrei no apartamento devagarinho para não acordar os meus pais e a minha irmã e fui direto para o banheiro. Debrucei-me sobre o vaso e vomitei tudo o que tinha no estômago. Escovei os dentes, coloquei um comprimido para a ansiedade debaixo da língua, deitei-me na cama e apaguei.